

# PREFÁCIOS, ADVERTÊNCIAS E PRÓLOGOS: AO CARO E BENEVOLENTE LEITOR

Germana Maria Araújo Sales  
(UFPA - CNPq)

## RESUMO

Este ensaio tem como objetivo analisar os prefácios escritos pelos romancistas do século XIX, reconhecendo-os como parte integrante da História da Literatura. A leitura desses textos permite inferir o perfil do leitor oitocentista, reconhecido em três categorias: a leitora feminina, o leitor benévolo e amigo e o leitor crítico e erudito.

**PALAVRAS-CHAVE:** prefácios - leitor - história da literatura - literatura brasileira % século XIX.

## Prefácios Interessantíssimos

Se você perguntar para um estudioso de literatura o que leva um leitor a se interessar por uma obra, ele lhe dará inúmeras respostas, que vão desde a materialidade do livro (leitores apreciam belas encadernações), o preço e, possivelmente, o leitor poderá se sentir atraído pelo tema e, quem sabe, pelo nome do autor na capa do volume. Em meio a todas essas categorias, há uma dificilmente citada como atrativo para a leitura: o texto introdutório, ou o prefácio. Aquelas poucas páginas que antecedem o texto principal e que, geralmente, o leitor pula, pois considera leitura enfadonha.

Este texto dispensado pela maioria do público é comum nas edições atuais, principalmente naquelas destinadas aos jovens leitores, prefaciada por alguém importante no cenário nacional, como o livro *Nós e*

*os outros* (2000), da coleção *Para gostar de ler*, cujo prefácio com o título: *Sou trezentos, sou trezentos e cinquenta*, assinado por Marisa Lajolo, tenta cativar o público logo no primeiro parágrafo:

No Brasil vive gente do mundo inteiro. Seu colega da frente pode ser filho de imigrantes coreanos, seu professor de história talvez seja descendente de africanos. E quem sabe aquela sua colega que senta perto da janela não seja de origem judia? Além disso, num país do tamanho do Brasil, numa escola do Amazonas pode haver alunos gaúchos e num colégio carioca, muitos pernambucanos. (LAJOLO, 2000, p. 5).

Num livro que trata de histórias de diferentes culturas, a autora do prefácio se preocupou que os leitores se identificassem com o tema e se reconhecessem nas histórias selecionadas, independente da sua nacionalidade ou naturalidade. Se o leitor não pulou as duas páginas e meia do prefácio redigido por Marisa Lajolo, deve ter se sentido atraído para conhecer os contos disponíveis no livro e ajudou a manter a coleção entre as mais apreciadas no país.

A prática da introdução de um livro com prefácio assinado por alguém de renome no meio das letras, também é apresentada no volume *Comédias para se ler na escola* (2001), de Luis Fernando Veríssimo. O texto introdutório, que tem como título *Bom de ouvido*, é de autoria de Ana Maria Machado, que associa o gosto pela leitura ao prazer do namoro:

Volta e meia a gente encontra alguém que foi alfabetizado, mas não sabe ler. Quer dizer, até domina a técnica de juntar as sílabas e é capaz de distinguir no vidro dianteiro o itinerário de um ônibus. Mas passa longe de livro, revista, material impresso em geral. Gente que diz que não curte ler. Esquisito mesmo. Sei lá, nesses casos, sempre acho que é como se a pessoa estivesse dizendo que não curte namorar. Talvez nunca tenha tido a chance de descobrir como é gostoso. Nem nunca tenha parado para pensar que, se teve alguma experiência desastrosa em um namoro (ou em uma leitura), isso não quer dizer que todas vão ser assim. É só trocar de namorado ou namorada. Ou de livro. De repente, pode descobrir delícias que nem imaginava, gostosuras fantásticas, prazeres incríveis. Ninguém devia ser obrigado a namorar quem não quer. Ou ler o que não tem vontade. E todo mundo devia ter a oportunidade de experimentar um bocado nessa área, até descobrir qual é a sua. (MACHADO, 2001, p. 9).

A opção do editor em prefaciara obra destinada a jovens da escola, com um texto de Ana Maria Machado, certamente fez parte de

uma estratégia que garantiria um maior número nas vendas do livro. Mas não seria suficiente o título ser assinado por um autor de destaque como Luis Fernando Veríssimo? O fato de o escritor ser um dos que mais vende livros no Brasil, já afiançaria o sucesso da obra, mas a introdução de Ana Maria Machado, para textos recomendados à leitura escolar, além de imprimir destaque ao volume, traz à mente dos leitores, a associação da obra de Veríssimo à de Ana Machado, que também escreveu histórias para gente crescendo.

O exercício do prefácio aparece igualmente no livro *Crônicas para ler na escola* (2011), de Marcelo Rubens Paiva. Novamente, somado ao nome afamado do autor, há a apresentação do livro, assinada por um nome distinto, Regina Zilberman, que inicia o texto, chamando atenção para a obra de maior sucesso do escritor, *Feliz ano velho* (1982). Mas para atrair o público para a leitura daquele volume de crônicas, a autora do prefácio investe na semelhança dos textos com a vida dos leitores:

Percorra as crônicas e veja se muito do que Marcelo apresenta como tendo acontecido com ele não foi vivido, de modo bastante similar, por você mesmo. Vale a pena lembrar algumas delas: em namoro, o cronista elenca maneiras de iniciar uma relação amorosa, chamando a atenção para as armadilhas a serem evitadas, assim como as dúvidas e hesitações por que passam os apaixonados. Você provavelmente já experimentou algum desses momentos, e nem sempre soube interpretar correta ou conscientemente seus sinais. É no texto de Marcelo que você encontra as alternativas, saídas ou modos de solucionar as dificuldades, aproximando o discurso do escritor da intimidade do leitor. Em “O começo do fim”, o cronista examina a outra ponta da questão, diagnosticando as atitudes que podem determinar o fim da relação. Em “O mal-entendido”, o narrador conta como foi acabar em uma cerimônia de casamento para a qual não tinha sido convidado, por ter errado o endereço em que se realizaria o evento de que deveria participar.

Quem já não se encontrou em alguma dessas situações, reconhecendo-se assim em algum ponto do texto que lê? (ZILBERMAN, 2011, p. 10-11).

Regina Zilberman aposta que a experiência vivida, quando associada à escrita, pode ser uma forma de aproximar os leitores e parece que teve razão, pois entre os depoimentos expostos no *blog* de *Estadão*, acerca do livro de Marcelo Rubens Paiva, há um registro significativo de leitores que descrevem a identificação com os textos lidos na obra *Crônicas para ler na escola*.<sup>1</sup>

## Ao Leitor

A menção à presença de prefácios nessas obras contemporâneas serve de pontapé inicial para voltar no tempo e demonstrar que a prática do prefácio não é atributo do esperto autor e/ou editor que alcançou o sucesso de vendas, mas um exercício que remonta a tempos idos e foi usado, coincidentemente, com a mesma função: convencer os leitores da validade do texto.

O retorno nos remonta ao século XIX, período em que os próprios escritores brasileiros prefaciaram suas obras, numa interlocução particular entre autor e leitor, expondo reflexões e debates.

A presença de um texto introdutório nas prosas oitocentistas brasileiras aparece desde 1826, na novela *Statira, e Zoroastes*, de Lucas José d'Alvarenga, cujo prólogo é um oferecimento da obra à Imperatriz Leopoldina:

Senhora

O Particular Motivo de imprimir-se esta Novela, o seu contexto, e objeto, a analogia, que tem com as de V.M., as sublimes virtudes da Princesa Heroína; tudo isto inspirou a lembrança de dedicar a V.M.I.

O Criador da Natureza aceita com prazer o pequeno grão de incenso, que lhe oferece a criatura. Este Divino Exemplo autorizou-me a crer, que a Muito Alta, e Generosa Imperatriz do Brasil Se dignaria a Aceitar, como Aceitou de um súdito Seu, e com Agrado, a Dedicção desta Peça.

Tão Alta Proteção fará florescer, e frutificar os meus princípios: e o meu nome, debaixo de Tão Alto, Majestoso Tronco ficará abrigado à sombra dele.

Tem a honra de beijar a Mão Augusta de V.M.I.

O Seu fiel súdito

Lucas José d'Alvarenga

A narrativa de Lucas José d'Alvarenga, de 58 páginas, considerada a primeira novela brasileira, por Afrânio Coutinho (1966) inaugura entre nós a prática do prefácio em prosa de ficção. Depois de 1826, parte significativa das obras foram apresentadas aos seus leitores, com prólogos assinados pelos próprios autores. Entre 1826 e 1881, foram identificadas 56 obras com prólogos subscritos pelos próprios escritores.

Mas de que valem os prefácios? São eles fundamentais para o texto literário?

De acordo com Eça de Queirós (2000, p. 59-75), o prefácio é um texto essencial para a interlocução entre o autor e leitor. O romancista português discorre a respeito das singularidades desse texto no prefácio escrito para o livro *Azulejos* (1886, p. 6-10, 13), no qual descreve o encontro entre escritor e leitor:

[...] o Escritor, há cem anos, dirigia-se particularmente a uma pessoa de saber e de gosto, [...], que ocupava os seus ócios luxuosos a ler, e que se chamava “O Leitor”: e hoje dirige-se esparsamente a uma multidão azafamada e tosca que se chama “o Público”.

Ora quando este leitor, douto, agudo, amável, bem empoado, íntimo das idades clássicas, recebia o Escritor na sua solidão letrada – o Escritor necessitava apresentar-se com reverência, e *modestement courbé*. É um homem culto que vai à casa de outro homem culto – e esse encontro está regulado por uma etiqueta tradicional e graciosa. [...] Tinha de haver uma apresentação condigna, solene, copiosa; e isso passava-se nesse pedaço de prosa em tipo largo, com citações latinas, que se chamava o Prefácio. [...] Depois o Autor ia levando o Leitor pela mão através da sua obra como através de um jardim que se mostra, percorrendo com gosto as áreas mais enfeitadas de erudição, parando por vezes a conversar docemente à sombra de um pensamento frondoso. [...] O Autor encontrava no Leitor uma atenção demorada, fiel, crente: como Filósofo tinha nele um discípulo, como Poeta um confidente. [...] Todavia ainda hoje há Escritores que, seduzidos pela graça nobre das maneiras clássicas, quando procuram o Público com um livro amorosamente trabalhado, querem pôr nesse encontro as formas aparatosas da etiqueta de outrora. São aqueles, sobretudo, que, escrevendo delicadamente e para delicados, contam apenas com o Leitor dos velhos tempos.

A presença do prefácio importa, à primeira vista, como uma pequena introdução ao texto maior, àquele com o qual irá se entreter o leitor, mas Eça de Queirós sentencia que o valor do prefácio está no encontro entre o escritor e aquele que seria o companheiro dócil que define a relação amistosa: o leitor. O texto preliminar é o momento de aproximação com o público, no qual o autor identifica-o, instrui-lhe para a leitura da obra, conduzindo-o para a melhor compreensão do texto, pondo seu jardim à mostra e mais, concede ao leitor o poder de aprovação, outorgando-lhe autoridade. Mas não é só isso, as diferentes classificações do provável leitor permitem, dentre muitas hipóteses,

imaginar como liam os múltiplos leitores brasileiros para quem eram escritas as obras.

Qual era o perfil ou a construção desse leitor proposto nos prefácios?

Os prefácios fornecem alguns sinais de quem seria esse leitor construído pelo autor e algumas imagens que estabelecem a correspondência entre os leitores implícitos e os prováveis leitores empíricos que passaram os olhos brasileiros pelas páginas das narrativas.

A representação do leitor nos textos introdutórios reflete a imagem de leitura pretendida pelo autor e, para tanto, o prefácio busca estabelecer uma cumplicidade com seu leitor, ao definir as distintas maneiras de tratamento, questões consistem em uma estratégia para alcançar um público vário e numeroso.

O prefácio é a recepção ao leitor e, quando escrito pelo próprio autor da obra, há neste texto introdutório um diálogo instituído com o público. Para esta análise identificamos três categorias específicas, para as quais é direcionada a leitura da obra. Primeiramente, os prólogos dedicam a ficção, especificamente, ao público feminino, imagem que aparece representada pela figura da prima, da senhora, da amiga e até da mãe. Para este público são indicadas as obras que não firam a moral e preservem os valores coerentes à época. O segundo grupo fica por conta do público generoso e benevolente que acolherá a obra com indulgência. Essa categoria do leitorado é classificada como leitores ingênuos e sentimentais, com o qual o autor estabelece cortesias, numa interação de confiança e cumplicidade. No terceiro grupo, os leitores são classificados como eruditos e sábios, capazes de reconhecer epígrafes em línguas estrangeiras e combinam leitura e instrução, pois têm condição de avaliar o texto, com um olhar judicioso. Esta parte do público caracteriza uma espécie de leitor a quem o autor permite o direito à crítica e revisão da obra.

Os prefácios, avisos ao leitor, advertências e dedicatórias apresentam-se, na sua maioria, análogos na sua abordagem, isto é, o autor simula uma empatia com o leitor e estabelece uma relação cordial e íntima, de cumplicidade. Não obstante esta função, os prefácios funcionam, também, como um espaço de debates, em que o autor poderia responder à crítica da época e fazer reflexões sobre a obra literária.

## A Leitura Feminina: Os *Belos Olhos Pretos* *Brasileiros*<sup>2</sup>

Das diversas categorias de leitores presentes nos prefácios, as leitoras femininas chamam atenção pela frequência com que são mencionadas nos textos introdutórios, o que reflete a conquista feminina em relação à leitura, prática que notabiliza uma das principais formas de liberdade alcançada. A representação da leitora como público previsto para a recepção aparece marcada em alguns prefácios da época, como nas obras *Statira e Zoroastes* (1826), de Lucas José d' Alvarenga; *O filho do pescador* (1843), de Teixeira e Souza; *O moço loiro* (1845), de Joaquim Manoel de Macedo; *O guarani* (1857), de José de Alencar; *A família agulha* (1870), de Guimarães Júnior e *O ninho do beija-flor* (1872), de Araripe Júnior, entre outros.

Das obras citadas, é nos prefácios assinados por Joaquim Manuel de Macedo que se revela uma expectativa de que as obras tivessem maior recepção pelo público feminino. Macedo supõe que o público de leitores formado por senhoras é mais suscetível, benévolo e generoso. É deste prezado público, de grandioso coração, que Macedo espera que sejam desculpadas as imperfeições ainda presentes em seus textos, como propõe no prólogo intitulado *Às Senhoras Brasileiras*, do romance *O moço loiro* (1845):

Esse jovem, senhoras, - fui eu. Fui eu, que, com meus olhos de pai, a segui em sua perigosa vida, temendo vê-la cair a cada instante no abismo do esquecimento... [...] cheguei a crer, que o público a não enfeitava; e, sobretudo, que minha querida filha tinha achado corações angélicos que dela se apiedando, com o talismã sagrado de sua simpatia a levantaram mesmo muito acima do que ela merecer podia. E esses corações, senhoras, - foram os vossos. [...] Espero mais, senhoras, que generosas sempre, perdoando as imperfeições e graves defeitos d'O moço loiro, [...] Espero finalmente, que vós, senhoras, dignando-vos adotar O moço loiro, permitireis que ele, coberto com a égide de vosso patrocínio, possa obter o favor e encontrar o abrigo, que a sua irmã não foi negado [...]. Consentí, pois, senhoras, que me eu atreva a dedicar-vos O moço loiro, como um primeiro e fraco sinal de reconhecimento, que há de durar sempre... [...] O moço loiro convosco se apadrinha, senhoras [...]. (MACEDO, *O moço loiro*, 1845, p. v, vi, vii, viii).

No prefácio em que aparece sete vezes o vocativo “Senhoras”, o autor acentua dois atributos às leitoras femininas: o universo familiar

recriado por meio da metáfora do pai e da adoção; e a sentimentalidade expressa pela solicitação de piedade para a leitura realizada com o coração. O autor ilustra o discurso com um tom de bajulação e compara as senhoras, a quem é dedicado o romance, à figura do mecenas, quando lhes oferta a obra e pede, humildemente, o “vosso patrocínio”.

A intimidade de Macedo com as leitoras é decorrente da recepção do público de senhoras que tão bem acolheu *A moreninha*, conforme o próprio enfatiza no prefácio de *O moço loiro*:

Um ano há decorrido desde que um jovem desconhecido, sem habilitações, com fracos e limitadíssimos recursos intelectuais, [...], ofereceu à generosidade do público do Rio de Janeiro um pobre fruto de sua imaginação - *A Moreninha* - que ele amava como filha de sua alma. Esse jovem, senhoras, - fui eu. [...] ... fui eu, que (talvez ainda com vaidade de pai) cheguei a crer, que o público a não enjeitava; e, sobretudo, que minha querida filha tinha achado corações angélicos que dela se apiedando, com o talismã sagrado de sua simpatia a levantaram mesmo muito acima do que ela merecer podia. E esses corações, senhoras, - foram os vossos. Oh! mas é preciso ser autor, ao menos pequenino autor, como eu sou, para se compreender com que imenso prazer, com que orgulho eu sonhava vossos belos olhos pretos brasileiros derramando os brilhantes raios de suas vistas sobre as páginas do meu livro! Vossos lábios cor-de-rosa docemente sorrindo-se às travessuras da *Moreninha*! (MACEDO, *O moço loiro*, 1845, p. v-vi).

No contato estabelecido entre o autor e o público, no prefácio do romance *O moço loiro*, pode-se perceber o exagero numa apresentação copiosa e solene, enredada de bajulações. Macedo compara o público de leitoras à singeleza dos anjos, capazes de perdoar e abraçar a dádiva que lhes é oferecida no seu *materno colo*, como também capazes de receber o romance, com as imperfeições, sem julgamentos severos.

Ao lado de Macedo, José de Alencar também dedica atenção ao público feminino. Prefácios de três romances de Alencar traçam o perfil da mulher brasileira letrada, para a qual o universo dos livros parecia familiar. Estas imagens estão assinaladas nos prólogos dos romances *O Guarani* (1857), *Lucíola* (1862) e *Diva* (1864):

Minha prima. – Gostou da minha história, e pede-me um romance; acha que posso fazer alguma coisa neste ramo de literatura. (ALENCAR, *O Guarani*. (1857)).

A senhora estranhou, na última vez que estivemos juntos, [...] Calando-me naquela ocasião, prometi dar-lhe a razão que a senhora exigia; e cumpro o meu propósito mais cedo do que pensava. [...] Escrevi as páginas que lhe envio, às quais a senhora dará um título e o destino que merecerem. É um perfil de mulher apenas esboçado. [...] De resto, a senhora sabe que não é possível pintar sem que a luz projete claros e escuros. (ALENCAR, *Lucíola*, 1862, p. 7, grifos meus.).

Envio-lhe outro perfil de mulher, tirado ao vivo, como o primeiro. [...] Deste, a senhora pode sem escrúpulo permitir a leitura à sua neta. [...] O manuscrito é o que lhe envio agora, um retrato ao natural, a que a senhora dará, como ao outro, a graciosa moldura. (ALENCAR, *Diva*. (1864)).

Os termos escolhidos pelo autor indicam que a leitura de sua obra é recomendada a um grupo de leitoras selecionadas. Neste caso particular, as leitoras pretendidas por Alencar são aquelas com as quais desfruta intimidade, como a prima ou a amiga a quem chama de “senhora”, e, portanto, capazes de compreender e aceitar de bom grado as obras que lhes são ofertadas.

Esses exemplos apontam, além da familiaridade, uma metonímia da massa maior que seria o público feminino brasileiro do século XIX. A sugestão de uma leitura desempenhada pelos olhos femininos reconstitui as feições de um público quase obscuro no tempo histórico. Os prefácios de Alencar e Macedo sugerem a mulher como parte dos leitores atuantes e habituados com o exercício da leitura, inclusive com capacidade de emitir juízo crítico acerca da obra que lhe chega às mãos.

A leitora feminina está presente no imaginário de vários escritores do período, como Franklin Távora, que também evoca a imagem feminina no prefácio do romance *Um casamento no arrabalde* (1869):

Isto mesmo melhor se provará no referido livro<sup>3</sup>, não neste que é inocente, que é filho de paixões inofensivas e ideais, que é livro para ser lido por mulheres, não meditado por homens, livro meigo, não livro severo como talvez pareça o outro. Leia-o, leia-o leitor, que há de dar-me razão. (TÁVORA, *Um casamento no arrabalde*, 1869, p.viii).

Ao referir-se à leitura feminina, Távora aponta para um público específico de romances, pois associa a leitura do romance aos leitores

pouco reflexivos e com o gosto voltado para temas serenos ao espírito. Nesse grupo, na perspectiva de Franklin Távora estariam as mulheres como a fatia principal.

As obras ficcionais registram a existência de um público feminino numa perspectiva crescente e atuante, privilegiado principalmente pela leitura de romances. A reprodução das cenas de leitura feminina na prosa de ficção ajuda a desenhar o caminho da leitora ao lado dos livros como parte do cotidiano.

## O Leitor: Benévolo e Amigo

As formas de leitura ficcionalizadas na prosa de ficção brasileira e previstas nos prefácios impunham distintas classificações de leitores, como o grupo dos leitores benevolentes, com o qual o autor mantém uma relação de cumplicidade. Esta interlocução remete a uma estreita relação, cuja imagem do leitor idealizada pode ser, além de generoso, confidente, atributos que ajudam a reforçar a lisonja ao leitor. Com este grupo, o autor prevê obter a amabilidade dos leitores, pela *capitatio benevolência*<sup>4</sup>, imagem retórica que constrói a imagem do autor inferiorizado diante do público, possuidor de qualidades que o enobrecem e o elevam, principalmente, pela sua benevolência e complacência para com a obra que lhe é ofertada, sem críticas maledicentes e com a solidariedade devida para acolher a leitura:

Ei-la. A inocente filha do meu coração vai viver vida de peregrina, aqui e ali esmolando uma atençãozinha [...]. Coitadinha! Como me é doloroso este apartar! Ela vai para o mundo: – ser de todos vista e de todos notada a sua imperfeição.

Sede indulgente, até que eu forrando cabedais de inteligência a revista e puramente a torne bela, se for possível.

Ei-la. À vossa guarda. (CALDRE E FLÃO, *Divina pastora*, 1847, p. 21).

Venho apresentar-lhe um ensaio em gênero novo para mim, e desejo saber se alguma qualidade me chama para ele, ou se todas me faltam, – em cujo caso, como em outro campo já tenho trabalhado com alguma aprovação, a ele volverei cuidados e esforços. O que eu peço à crítica vem a ser – intenção benévola, mas expressão franca e justa. (ASSIS, *Ressurreição*, 1872, p. 7-8).

Benevolência ou não, comunicaram-me algumas pessoas lisonjeiras impressões. Nestas condições fui instado pelo amigo de que acima falei, para publicar em livro o romance, acedendo aos seus desejos,

concedi-lhe a edição. [...] Se contudo houver leitor que se dê a pachorra do lançar os olhos sobre estas linhas, a sua bonomia desculpará a puerilidade destas confidências ou as faltas do livro; [...]. (ARARIPE JÚNIOR, *O ninho de beija-flor*, 1874, p. 10).

Nas citações em destaque, o autor idealiza um grupo de leitores para o qual a obra desperte curiosidade e interesse e, para tanto, espera contar com a indulgência e a generosidade de um público afável e suscetível. Tal suscetibilidade decorria, em algumas situações, daquele público inexperiente ou pouco competente para entender a obra literária, conforme reproduzido por Macedo e Alencar:

O romance, que agora dou á luz da imprensa, é a minha primeira composição d'este gênero: tinha eu somente dezoito anos de idade, quando escrevi, cinco anos antes da Moreninha.

Ofereço, portanto, ao publico o meu *primeiro* romance e nunca tive tanta necessidade da sua indulgência, nem talvez tanto direito a ela, como agora.

Sobretudo, ao ler – O Forasteiro –, não se esqueçam nunca os benignos leitores da idade que tinha o autor quando o escreveu. (MACEDO, *O forasteiro*. (1856)).

Estes volumes são folhetins avulsos, histórias contadas ao correr da pena, sem cerimônia, nem pretensões, na intimidade com que trato o meu velho público amigo de longos anos e leitor indulgente, que apesar de todas as intrigas que andam a fazer de mim, tem seu fraco por estas sensaborias [...]. (ALENCAR, *Os sonhos d'ouro*, 1872, p. 8, grifos meus).

Identificado no prefácio como comparsa e cúmplice, este leitor também é representado como ingênuo e permissivo, aquele que aceita sem questionar ou ajuizar qualquer tipo de leitura, sem críticas ou considerações diante do que lê, pois é criada uma identidade com o mundo da leitura, o que torna esses leitores “incapazes de estabelecer a necessária distância entre o lido e o vivido” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 26).

Este grupo, embora amabilíssimo, não seria o único com quem o autor almejava manter relações cordatas, pois além de adorados por uma leitura ingênua, desejava ter sua obra compreendida e aceita, por um grupo seletivo, capaz de eleger a obra como leitura de excelência.

## O Leitor de Olhos Bem Abertos

Contraopondo-se às imagens do leitor benevolente, cúmplice e confidente em alguns prefácios, o autor não julga necessário proceder com o rapapé e a bajulação, passando a conceber uma imagem do leitor como sábio e erudito, a quem é facultado o direito de suprir as lacunas deixadas no texto. Estes seriam aqueles para quem o autor escreve o que julga lhes ser útil como conhecimento ou instrução, pois são capazes de selecionar e avaliar o que leem:

Apercebe pois já o nosso Leitor, que tratamos da revolução do Lamalonga de 1757, que se procurou explicar, pela alteração odiosa de um fato de pequena significação comparativamente com o que se chamou suas consequências: isto é, que num País, que se desenfachava do estado da natureza, onde nenhum dos seus naturais haviam ainda lido nem a *Iliada* nem a *Eneida*, para saberem, que por causa de uma Bela se queimara uma cidade, houve um Menelao, genuinamente Manaus, que a despeito da pretensão (não de nossa parte) da indiferença dos Indígenas pela união dos sexos, contraditoriamente fundada na autoridade de Montesquieu (*Exprit des Lois*, L. 14 Cap.2) devastou, incendiou nada menos de três povoações pela simples pretensão da parte de um Sacerdote para a separação de sua amante. (AMAZONAS, *Sima*, 1857, p. 6).

[...] Resta-me, contudo, uma consoladora esperança e é: que minha falta de perspicuidade (algumas vezes voluntária) será suprimida pela penetração e sagacidade dos leitores. Eu me felicitarei infinitamente se eles, cheios daquela bondade que eu lhes desmereço, pensarem generosamente e disserem de mim o mesmo que pensava Cícero e dizia em análogas circunstâncias: “*Satis est eloquens, Qui narrat fidellissime*”. (ALVARENGA, *Statira e Zoroastes*, 1826, xxvi).

Os fragmentos caracterizam um sujeito com vontade própria, os quais não necessitam da condução vigilante do autor, por se tratar de um ser maduro, para quem a leitura da ficção constitui uma forma de instrução e conhecimento das memórias do passado.

Valendo-se de diferentes estratégias, o autor elege o leitor como seu principal interlocutor e define-o, algumas vezes, no papel de crítico. Nessa perspectiva, o leitor será capaz de avaliar o merecimento da obra, com o julgamento necessário para tal, como conferimos nos seguintes trechos:

Vós julgá-lo-eis. Como minha verdadeira amiga e próxima parenta, conto com vossa indulgência: quando não puderdes combinar com o

meu modo de pensar, rogo-vos que não arguais sem previamente me ouvirdes. (TEIXEIRA E SOUSA, *O filho do pescador*, 1843, 27-28).

Bem sei que a empresa é superior ás minhas forças; bom ou mau, porém aí entrego ao público o meu romance; ele que o julgue. (GUIMARÃES, *O ermitão de Muquem*. (1864)).

Entrego-te, meu romance, meu testamento de escritura, á judiciosa censura dos sábios e também ás invectivas dos zoilos.

Dependendo a ilustração e glória do teu autor dos sábios, se eles se dignarem apontar os teus erros, que nímios serão, sê-lhes grato; aos zoilos vota desprezo, porque deles nada renderá em prol de quem te escreveu. (AZURARA, *Angelina ou dous casos felizes*. (1879)).

O leitor como julgador será aquele que comenta o texto, elogiando ou localizando possíveis falhas e defeitos, partindo do pressuposto de que nenhum leitor absorve passivamente o que está escrito, conforme assinala o prefácio do romance *A moreninha*:

Eu pois, conto que, não esquecendo a fama antiga, o público a receba e lhe perdoe seus senões, maus modos e leviandades. [...] merece a compaixão que por ela imploro, mas se lhe notarem graves defeitos de educação, que provenham da ignorância do pai, rogo que não os deixem passar por alto; acusem-nos, que daí tirarei eu muito proveito, criando e educando melhor os irmãozinhos que a Moreninha tem cá. (MACEDO, *A moreninha*, 1844, p. xxii).

Curiosamente, o trecho em destaque reúne duas qualificações, – o leitor benevolente e o leitor sábio. Ao mesmo tempo em que o autor solicita ao público a afabilidade, requer atenção diante das imperfeições que a obra possa apresentar, para assim corrigi-las em obras posteriores.

As classificações dos leitores se embrenham e se misturam, mas demonstram o estreitamento das relações com o público até então desconhecido e com o qual seria necessário estabelecer uma familiaridade, quer seja este leitor dono de erudição, quer seja aquele leitor ocioso, para quem a leitura servirá de distração e entretenimento.

## Últimas Palavras

Entre os artifícios que rodeiam as falas proferidas nos prefácios, distingue-se a forma de interação entre o autor e o público, que funciona como esclarecimento ou apresentação, precedentes ao texto literário. Esses prólogos oferecem uma projeção do caminho que deve ser seguido pelo leitor inscrito no jogo de sedução e acolhimento proposto pelo autor ao orientar seu leitor, tanto no prefácio, quanto no enredo.

Dentre as diversas maneiras como os leitores são classificados, saltam aos olhos as leitoras femininas, leitor benevolente e o os leitores intelectualizados. Assim, cabe ao autor remeter seu texto à recepção desejada, ora para buscar a amabilidade do público, ora para alcançar uma leitura encarregada de ajuizar seus escritos, ora para simplesmente conduzir o leitor para a diversão ou passatempo.

A história do leitor de romances brasileiros do século XIX, segundo se pode depreender a partir da leitura dos prefácios homônimos, foi construída por meio de um amplo processo de interação entre o autor e seu pretendido público, o qual objetivava agradar com diversas manifestações que envolviam fantasia e realidade, compondo um discurso disfarçado por meio de modéstias eloquentes.

Esses rapapés tão comuns no discurso dos prefácios foram avaliados de forma negativa por Machado de Assis, que os julgava como arrebiques que disfarçavam a ambição do autor, pela singeleza e humildade, conforme se observa no fragmento abaixo:

A crítica desconfia sempre da modéstia dos prólogos, e tem razão. Geralmente são arrebiques de dama elegante, que se vê ou se crê bonita, e quer assim realçar as graças naturais.

Eu fujo e benzo-me três vezes quando encaro alguns desses prefácios contritos e singelos, que trazem os olhos no pó da sua humildade, e o coração nos pincaros da sua ambição. Quem só lhes vê os olhos, e lhes diz verdade que amargue, arrisca-se a descair no conceito do autor, sem embargo da humildade que ele mesmo confessou, e da justiça que pediu. (ASSIS, 1872, p. 7).

Se os prólogos funcionaram como falsa lisonja ou pretensão dissimulada, não se pode afirmar. O fato é que, com o passar dos anos, esta prática não desapareceu, mudou a forma e se manteve em algumas obras, embora nem sempre com a autoria do autor, mas assinado por alguém capaz de assegurar o mérito da obra e atribuir-lhe importância;

nos dias atuais, mantém-se como uma das formas primeiras de imprimir distinção ao texto publicado.

#### ABSTRACT

This essay aims to analyze the prefaces written by novelists in the 19th century, recognizing them as part of the History of Literature. Critical reading of these texts allows inferences about the profile of the reader of that period, who was classified into three categories: the female, the friendly and benevolent, and the critical and erudite readers. KEY-WORDS: prefaces - reader - history of literature % Brazilian literature - the 19th century.

#### REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. *A formação da literatura brasileira. Momentos decisivos*. 2º. Vol. 6ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981.
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Vol 1. Tomo 2. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966.
- LAJOLO, Marisa (Org). *Nós e os outros – histórias de diferentes culturas*. São Paulo: Ática, 2000.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1999.
- QUEIRÓS, Eça de. Prefácio ensaístico do livro *Azulejos*. In: BERRINE, Beatriz. *Eça de Queiroz – Literatura e Arte – uma antologia*. Lisboa: Relógio D'Água, 2000. p. 59-75.
- SALES, Germana Maria Araújo. *Duas palavras entre dois amores: o autor e o leitor. Sínteses (UNICAMP), Campinas, v. vol.4, p. 351-358, 2004.*
- \_\_\_\_\_. Os prefácios de Macedo: Para além do espaço ficcional. In: SOUZA, Roberto Acízelo de; HOLANDA, Sílvio Augusto de Oliveira; AUGUSTI, Valéria. (Org.). *Narrativa e recepção: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: EDUFF, 2009, v. 1, p. 107-121.
- \_\_\_\_\_. *Palavra e sedução – Uma leitura dos prefácios oitocentistas (1826 – 1881)*. Tese de Doutorado. Campinas: Programa de Pós-graduação em Teoria e História Literária, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP. 2003. Orientação Márcia Abreu.

PAIVA, Marcelo Rubens. *Crônicas para ler na escola*. Seleção: Regina Zilberman. São Paulo: Objetiva, 2011.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Comédias para se ler na escola*. Seleção: Ana Maria Machado. São Paulo: Objetiva, 2001.

## Notas

<sup>1</sup> Entre os depoimentos publicados, chama atenção o de Júlia Gabriela, postado no dia 07/05/2011 - 17:09, quando descreve, eufórica, a identificação com os textos lidos: “ahuaauhauhauhauhuhuhuhuhua ! Qnts vezes pensei nisso tudo, mas não dessa forma, mas da sua forma, sei lá. Das pessoas, de nós, de sermos tão assim assim, sem noção de tempo, sem noção da intensidade. Qnts vezes pensei nesse texto, qnts vezes Deus...” <http://blogs.estadao.com.br/marcelo-rubens-paiva/nas-livrarias/>. Consultado em 26 de maio de 2012.

<sup>2</sup> Expressão usada por Joaquim Manuel de Macedo (1845), no prólogo dedicado Às Senhoras Brasileiras, no romance *O moço loiro*.

<sup>3</sup> O livro a que se refere Távora neste prefácio seria a obra intitulada *O norte*, e que seria dividida em três partes: I – Literatura; II – História; III – Política, no qual ele faria uma explanação do tema Literatura do Norte que era criticado, segundo o próprio autor como uma propaganda pessoal.

<sup>4</sup> “A Obtenção da boa disposição (benevolentia e captatio) numa carta é uma certa ordenação das palavras para influir com eficácia na mente do destinatário”. In: (ANÔNIMO (de Bolonha). *The Principles of Letter-Writing*, in: *Three Medieval Rhetorical Arts*. Tradução de James J. Murphy, Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1971, p. 05-25.) A capitatio benevolência, equivalente ao exórdio, pode ter a seguinte definição: “Exordium é o discurso dirigido ao ânimo do auditório para prepará-lo convenientemente para ser ouvido com diligência”. In: CAMALDULENSE, Paulo. *Introductiones dictandi*, edizione: V. SIVO, Le “Introductiones dictandi” di Paolo Camaldolese (Texto inedito del sec. XII ex.), Studi e ricerche.

---

Recebido em: 31/05/2012.

Aceito em: 31/07/2012.